



IDOS DE PAPEL, VINDOS EM TELA: A LITERATURA EM ERA DIGITAL

Maria Antônia Vinhas Talher Barros ¹

RESUMO

O presente artigo tem a meta de refletir sobre a leitura literária e o leitor e sobre as mudanças vivenciadas pelas novas formas de literatura digital impressas nos hábitos de leitura. Nesse contexto, entende-se que a literatura é uma forma de expressão artística que manifesta ostensivamente as mudanças vividas pela cultura em uma longa tradição de séculos. Aristóteles já significava a capacidade particular da poesia de "mover" o humor e sua versatilidade especial para renovar a linguagem. Durante séculos, a literatura tem sido uma fonte precisa não apenas para entender como diversos cenários culturais foram forjados, mas também para saber como eles foram lidos e interpretados esteticamente. Esta interpretação da literatura como discurso intencional, persuasivo e estético, que fornece um valioso suporte transversal para o estudo da cultura, leva-nos a perguntar-nos quais são as molas que a movem agora que estamos imersos na era digital a partir das mudanças por ela vivenciadas.

Palavras-chave: Literatura Digital; Hábitos de Leitura; Competência Leitora; Comunicação Digital.

ABSTRACT

This article aims to reflect on literary reading and the reader and on the changes experienced by the new forms of digital literature printed in reading habits. In this context, it is understood that literature is a form of artistic expression that ostensibly manifests the changes experienced by culture in a long tradition of centuries. Aristotle already signified poetry's particular ability to "move" humor and its special versatility to renew language. For centuries, literature has been an accurate source not only for understanding how diverse cultural scenarios were forged, but also for knowing how they were read and interpreted aesthetically. This interpretation of literature as intentional, persuasive and aesthetic discourse, which provides valuable cross-cutting support for the study of culture, leads us to ask ourselves what are the springs that move it now that we are immersed in the digital age. From the changes she experienced.

Keywords: Digital Literature; Reading Habits; Reading Competence; Digital Communication.



INTRODUÇÃO

A literatura é uma forma de expressão artística que manifesta ostensivamente as mudanças vividas pela cultura em uma longa tradição de séculos. Aristóteles já significava a capacidade particular da poesia de "mover" o humor do ouvinte e sua versatilidade especial para renovar a linguagem. O homem adquire conhecimento sobre si mesmo, sustenta, porque aprende com a literatura as formas do comportamento humano e pode até imaginar plausivelmente sua reação emocional a situações críticas.

O efeito catártico da contemplação e a consequente libertação fazem parte do deleite e do gozo estético. Um dos aspectos inerentes ao fato literário tem sido, justamente, constituir uma fonte precisa não só para a compreensão do indivíduo, sua incardinação social e sua participação na forja de diversos cenários culturais – até mesmo para reconstruir a história dos acontecimentos – mas também para saber como eles têm sido lidos e interpretados esteticamente. Por extensão lógica, serviu também para "medir" espaços social e politicamente conflituosos ou marginais ou para estabelecer novos espaços de sociabilidade (pense-se, por exemplo, na função essencial desempenhada por encontros, teatros ou cafés, mesmo como plataforma política em determinados estágios).

Essa interpretação retórica da literatura como discurso intencional, persuasivo e estético – que fornece, como dissemos, um valioso suporte transversal para o estudo da cultura – implica também a análise dos mecanismos de persuasão e, portanto, do jogo colocado ao leitor. O que o autor espera do leitor tem sido uma questão crucial no curso da crítica literária, mas não é menos, especialmente desde o século passado, o que o leitor espera do texto.

Esses dois pontos fazem parte de uma ampla gama de processos técnicos e conceituais que marcam mudanças de tendência em relação a duas questões essenciais: o que entendemos por literatura e como a entendemos. Agora que estamos imersos na era digital, a pergunta é: como essa nova área, marcadamente tecnológica, modifica a resposta a essas perguntas? – fato que não entendemos como excepcionalidade, já que a invenção da imprensa também foi excepcional, mas, justamente, como transcendental, pois, como aconteceu naquela ocasião, significará mudanças essenciais na cultura escrita herdada desse



fato – ou como isso altera nossa forma de nos relacionarmos, compreendermos a realidade e assimilá-la?

Nossa breve abordagem tem como objetivo analisar algumas questões nesse sentido, situando-nos no campo da leitura literária e da literatura digital, a partir de uma perspectiva que utiliza as ferramentas proporcionadas pela teoria da literatura e pela retórica como disciplinas essenciais de análise do discurso literário e da comunicação.

Para tanto, estabelecemos duas questões essenciais que tentaremos delinear em suas características fundamentais. Primeiro, abordaremos o contexto da cultura digital, a fim de apontar as mudanças essenciais produzidas no campo artístico e literário em decorrência de sua inserção nele. Em segundo lugar, abordaremos um dos desafios enfrentados pelo leitor atual em relação à leitura de literatura: a concepção de obras de literatura digital. Tudo isso visa resultar em uma reflexão que permita avançar na identificação dos parâmetros essenciais que estão modificando os hábitos de leitura e, conseqüentemente, a compreensão leitora e as estratégias de treinamento no contexto da literatura digital.

LITERATURA E LEITURA NA CULTURA DIGITAL

É óbvio que a cultura digital gera discursos. Essa simples afirmação, no entanto, constitui uma infinidade de conceitos e ideias que contém muito do que precisamos entender e interpretar para enfrentar os novos desafios que o leitor enfrenta. A literatura está conectada com esses outros discursos, pois todos eles são transversais e estão conectados entre si por meio de relações de continuidade, oposição, transgressão, provocação e uma longa etcetera de circunstâncias que os conectam e se opõem, que os identifica em sua particularidade e os assimila em sua generalidade.

O universo digital transformou as relações tradicionais entre autor e leitor, sem esquecer como afetou os modos de conexão ou transferência, quase eliminando o papel do editor de uma só vez. O imediatismo do meio também permitiu forjar um cenário diferente, em que o contato é possível, a comunicação não é mais diferida ou a simultaneidade é justamente o usual.

Em relação a isso, Kirchof (2016) indica que:



[...] o modo como nos relacionamos com as informações que consumimos hoje está marcado pelo modo como funcionam as tecnologias e as mídias digitais, o que modifica várias de nossas práticas anteriormente vinculadas às mídias analógicas, inclusive a prática de escrever e ler obras literárias. A tecnologia digital é o resultado de uma longa trajetória de evolução tecnológica, tendo se tornado possível devido à fusão de dois principais domínios: tecnologias de mídia e de cálculo (KIRCHOF, 2016, p. 203).

Portanto, o universo literário, em toda a sua complexidade, tem subvertido algumas das dinâmicas estabelecidas na cultura escrita, respondendo com estratégias comunicativas específicas que têm muito, inclusive, de oralidade e que apontam para a supremacia do leitor sobre o processo comunicativo literário. Como discursos, essas estratégias identificam o modo como uma comunidade ou grupo compreende cultura, arte e literatura, de modo que é um erro colocar o problema da leitura isoladamente, sob pressupostos tradicionais ou com parâmetros que não correspondem àqueles criados pelos novos modos de vida cotidiana ou de sociabilidade e, por extensão, de criação.

A partir dessa abordagem, a discussão, por exemplo, sobre se o livro de papel será substituído ou não pelo digital, passa a fazer parte da mesma tradição de discussões que originou a polêmica de Platão com seus contemporâneos sobre a ineficácia da escrita versus oralidade; Petrarca, sobre a valorização da linguagem vulgar como veículo de expressão poética; Júlio Verne, em relação ao uso da ciência como argumento literário ou Eiffel para sua concepção de arquitetura com sua Torre de Ferro.

Frente a isso, Kirchof (2016), mais uma vez, contribui para o debate, afirmando que:

[...] o surgimento do ciberespaço, onde estão situados virtualmente todos os textos digitais, propiciou grande liberdade para a produção e a divulgação de textos literários, pois, além de não acarretar custos significativos na maior parte dos casos, não há qualquer regulação ou controle editorial para se publicar uma obra em blogs ou em sites da internet (KIRCHOF, 2016, p. 204).

Nesse sentido, estamos convencidos de que esse tipo de debate não é resolúvel a não ser pela evolução de eventos históricos, políticos, econômicos e sociais que serão aqueles que consolidam ou deixam no esquecimento



tendências, usos, hábitos ou propostas estéticas específicas (o leitor tem cumprido uma função, mas não se consolida em muitos aspectos) e, portanto, seja o que for, será imparável.

Nessa linha, percebe-se que o problema não é se em alguns anos será possível ler livros em papel, mas se até lá fará sentido ler em papel. Acreditamos que essa afirmação revela a questão central do novo paradigma: nosso ponto de partida continua sendo o mundo analógico e não o digital, portanto, é importante que, por um momento, procuremos "pensar" no digital, ou seja, nos colocar no centro de suas estratégias dialógicas, uma vez que o confronto entre o impresso e o digital já é estéril.

Conforme esclarece Jucá (2015, s.p.):

[...] os livros digitais infantis podem ser adquiridos nas livrarias iBook Store e Google Play Livros, principalmente, mas também há outros aplicativos de leitura vinculados a livrarias. Já os App livros e os Apps jogos dividem espaço nas muito mais povoadas App Store e Google Play (JUCÁ, 2015, s.p.).

Além disso, enquanto recuperamos as formas tradicionais, somos inundados por uma tecnologia que ninguém está disposto a renunciar, de modo que, na medida em que ela transformou durante séculos nosso modo de viver e entender a realidade (a roda, o pergaminho, a imprensa, o automóvel, o telefone, a eletricidade, o computador, o tablet, o celular...), continuarão mudando nossas formas de expressá-los e vivenciá-los.

Levando tudo isso para o campo da comunicação artística e, mais especificamente, do discurso literário, os elementos particulares de uma obra, a abordagem de um autor ou a análise do processo de leitura adquirem uma dimensão verdadeiramente interessante. Portanto, tanto a geração quanto a leitura dos discursos construídos a partir desse novo espaço são fundamentais para a compreensão da literatura digital e do conceito de arte que a contextualiza. Focalizando os aspectos que delimitam os novos hábitos culturais, é conveniente sublinhar como o processo de transformação esteve indiscutivelmente ligado ao ritmo vertiginoso que a tecnologia experimentou no último século.

Segundo Jenkins (2006):



[...] na forma ideal de uma narração transmidiática, cada mídia realiza o que é capaz de fazer melhor – de modo que uma narrativa poderia ser introduzida em um filme, expandida através da televisão, de romances e de histórias em quadrinhos; seu universo poderia ser explorado através de jogos ou experimentado como a atração de um parque de diversões. Cada entrada precisa ser autossuficiente, de modo que você não precisa ter visto o filme para apreciar o jogo, e vice-versa (JENKINS, 2006, p. 97).

A transversalidade, o hibridismo, a ruptura temporal e espacial nada mais são do que formas de gerir "fronteiras" de diferentes códigos artísticos baseados na tradição. Além disso, a arte viveu e vive na mesma transgressão contínua dessas fronteiras há séculos. As "licenças" artísticas nada mais são do que transgressões da fronteira poética, pois supõem – além de outros processos ligados ao imaginário – a ruptura e alteração das relações ordinárias estabelecidas na linguagem. Se voltarmos, por exemplo, ao próprio conceito de crise ou catástrofe, enraizado na tradição literária com sua associação à ideia de renovação ou renascimento, poderíamos afirmar que esse é o estado da arte "natural". Como assegura Campos (2006):

Décio foi um dos primeiros intelectuais a falar de cibernética, e foi também o introdutor da semiótica peirciana e da teoria da informação no Brasil. Haroldo falou de "obra de arte aberta" antes de Umberto Eco. E no prefácio aos meus poemas em cores da série Poetamenos (1953) eu dizia: "Luminosos ou filmletras, quem os tivera?", imaginando a projeção cinética de palavras em luz e cor. [...] A poesia concreta estava sintonizada com essas prospecções tecnológicas. [...] Quando os computadores chegaram, foi só deitar e rolar (CAMPOS, 2006, p. 15-16).

Assim, se o conceito tradicional – teríamos que nos perguntar o que chamamos de tradicional – de literatura está em crise devido à chegada do "digital" ou dos novos gêneros digitais, é da mesma forma que foi nos séculos XVIII e XIX como resultado do triunfo imparável do romance, gênero híbrido por excelência que evidenciou a lacuna entre o velho e o novo modo de entender, não apenas a arte da narração, mas também o conceito de ficção literária rompendo suas "fronteiras".

Então, o que mudou? Parece que, em essência, muito pouco, já que, para uma nova filosofia, uma nova mentalidade, uma nova forma de entender ou interpretar o que nos rodeia, correspondem discursos rupturistas, transgressores,



renovadores, inovadores. Ora, nas formas de discurso e comunicação, nas formas de transmissão, nas formas de expressão, nos modos de compreender a finalidade do discurso artístico e no modo de compreender a recepção, isto é, no resultado que é apreciado através daquela superfície muito complexa e nada – perdoem a redundância – "superficial", muda tudo.

Segundo Carr (2010):

[...] as mídias não são apenas canais de informação. Elas fornecem a matéria para o pensamento, mas também moldam o processo do pensamento. E o que a internet parece estar fazendo é enfraquecer a minha capacidade de concentração e contemplação. Esteja eu on-line ou não, a mente, agora, espera receber as informações da mesma forma como a internet a distribui: em uma corrente de partículas que se movem rapidamente. Antigamente, eu era um mergulhador no meio de um mar de palavras. Agora, eu deslizo pela superfície como um sujeito dirigindo um jet ski (CARR, 2010, p. 20).

O salto tecnológico vivido agora permite materializar a ideia, até mesmo o pensamento, e transformá-los em algo perceptível – não tangível – em fatos que afetam e interagem efetivamente com o leitor. Da mesma forma, é sugestivo falar de "não-lugares", porque eles também nos levam a esses lugares de encontro gerados virtualmente, e nesse "artifício" da arte e da literatura encontram um caminho que lhes permite ampliar as possibilidades de seu próprio status ficcional.

Espaços virtuais como sites, chats, blogs, fóruns, nuvem, são uma espécie de "não-lugares" onde estamos, ao contrário, depositando nossa memória, nossas experiências cotidianas, nossas emoções e nossa imagem. Pensemos brevemente em como o conceito de espaço artístico foi transformado (fechado, aberto, urbano, rural, shopping centers, encruzilhada...) com a consequente des-sacralização dos espaços tradicionais e vamos parar, por exemplo, na disparidade de critérios que fundamentam a construção dos grandes museus ocidentais.

Vejamos também as novas montagens sensoriais e performances ou espetáculos baseados em realidade aumentada. Em suma, não só o conceito de espaço artístico foi transformado, mas também o conceito convencional de objeto artístico como algo intocável que só posso desfrutar com a observação,



transformando o processo de recepção em uma prática de "experiência" ou "experimentação" semelhante à criativa.

Além disso, a obra torna-se até um artefato, um evento, "algo que se constrói simultaneamente com a observação do espectador". Ainda mais explicitamente, o discurso artístico digital exige uma resposta ativa do ouvinte, uma interação com a obra, rompendo as relações hierárquicas entre autor e leitor. Portanto, quando consideramos como o modo de construir e perceber o discurso literário tem mudado em termos comunicativos, percebemos mudanças ostensivas não apenas nas formas de transmitir informações, mas também na articulação das formas de persuasão, quando o ponto de atenção é deslocado.

Cosson (2014, p. 29) afirma que:

[...] ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado, e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura (COSSON, 2014, p. 29).

Nessa mesma linha, sublinha-se como cada etapa histórico-cultural consegue articular sua própria sistemática para informar, persuadir ou convencer, de acordo com o domínio tecnológico correspondente e com as dimensões e complexidades de suas respectivas massas receptoras, sendo a atual especialmente significativa por reconectar processos historicamente distanciados, apontando a inadmissibilidade de separar a arte da comunicação e da comunicação da arte.

Posto isso, o digital oferece, portanto, a possibilidade de criar conexões sem a necessidade de continuidade espacial e temporal: a conectividade global é a característica que melhor resume sua natureza. Ocorre que ela é, intrinsecamente, portadora de anomalias: rompendo as matrizes consolidadas, permitindo unir e dividir o que o analógico ainda não consegue.

Circunstância à qual devemos acrescentar outro fato: a nova tecnologia de comunicação afeta a própria natureza da comunicação, a realidade, o suporte físico e o modo de projetá-la e compreendê-la. Essa e outras análises nos levam a vislumbrar uma complexa rede de transformações que afetam a linguagem, o produto final – o próprio conceito de produto –, os interlocutores, os meios de transmissão e, finalmente, as exigências da formação.



Portanto, o mundo digital tem desafiado a sociedade e gerado diferentes escalas de influência dependendo do desenvolvimento tecnológico. Dentro dessa "conectividade global" a que se referiu há pouco, tudo está relacionado.

A LITERATURA DIGITAL OU A SIMBIOSE ENTRE CRIAÇÃO E LEITURA

A literatura digital oferece ao leitor um conjunto de textos em que a palavra amplia seus horizontes para outros códigos visuais e sonoros, permitindo uma experimentação não apenas ligada à construção de uma linguagem específica, mas também técnica, ligada ao software, ao código máquina. Isso faz com que o processo de construção do texto digital fuja dos parâmetros usuais manipulados pelo leitor, adentrando um espaço complexo e diverso.

Não sem razão, uma das singularidades que tem sido apontada sobre a autoria digital é, justamente, o seu caráter coletivo, já que o usual nesse tipo de obra é que é um grupo interdisciplinar de criativos – designers, cientistas da computação, linguistas, técnicos audiovisuais, músicos – que lhes dão forma e materialidade.

Esse fato reúne harmoniosamente diferentes circuitos, cujas ligações, funções, itinerários e símbolos – inseridos no texto ou fora da tela – fazem parte de diferentes níveis ou camadas de construção, em um processo que transcende a criatividade literária tal como a entendemos de forma tradicional. Deixando de lado a literatura automática – cujos princípios merecem um estudo por si só – em que uma máquina gera frases ou ideias através de algoritmos complexos, são raros os casos em que há um único autor que programa e cria, dando regularmente esse trabalho em equipe.

Do ponto de vista retórico, trata-se de um discurso polifônico, no qual, inclusive, são vislumbrados traços essenciais da tradição oral e escrita, apresentando como base de algumas das obras, fragmentos, frases ou palavras de textos literários conhecidos. No entanto, não podemos esconder que, por vezes, esse tipo de trabalho é considerado algo minoritário, experimental e elitista, ainda que, paradoxalmente, sua própria natureza digital permita uma difusão antes não experimentada pelas formas tradicionais.



No que se refere à análise semiótica, a experiência literária borrou as fronteiras entre estratégias poéticas, narrativas e teatrais, aproximando-se agora – em sua essência – do que poderíamos chamar de "experimentação dramatizada", na qual o leitor vive, age, mergulha na obra, percebendo diferentes planos comunicativos.

A narração hipertextual leva ao limite as possibilidades de ficcionalização, estruturação e apresentação da literatura de todos os tempos, valendo-se das muitas vantagens oferecidas pelas novas tecnologias de comunicação. A isso deve ser acrescentada a construção de um novo imaginário, diferente do analógico, representado por uma nova linguagem integradora que nos obriga a nos libertarmos, do ponto de vista linguístico, da lógica associativa, da sintaxe conectiva repetitiva do enredo e dos velhos modos de narrar.

Esse gênero encontrou na tecnologia uma nova dimensão transtemporal e transespacial, expandindo suas fronteiras com formas surpreendentes e abertas". A abordagem da linguagem literária no ambiente digital também abre a porta para ideias que apontam para a obrigação de levar em conta, "decifrar" ou "tornar visível" a linguagem oculta, ou seja, a linguagem da programação.

Assim, dado o hibridismo dos códigos, a ruptura da linearidade – que afeta a organização estrutural – e a assimilação de recursos de outras artes, alguns pesquisadores têm proposto a necessidade de buscar uma terminologia alternativa que deixe de lado os parâmetros usuais, a fim de responder à descrição das novas especificidades textuais.

De modo geral, deve-se notar que gêneros ou tipos textuais percebem mudanças muito mais rapidamente do que os tradicionais, levando-se em conta, além disso, que não se trata apenas de desenvolvimento conceitual – de narração, por exemplo – mas também tecnológico. A isso teríamos que acrescentar a incorporação de variantes, com versões adaptadas a diferentes sistemas operacionais ou com renovações de sistema vinculadas a atualizações.

Passando finalmente para o ângulo da recepção, os textos caracterizam-se principalmente por permitir a interação do leitor em diferentes níveis com diferentes graus de envolvimento, cujo alcance máximo permite modificar ou atuar sobre o texto – dando destaque absoluto àquela figura do escritor – sendo, no entanto, neste caso, o de menor número de obras.



Em outras propostas, elimina-se o distanciamento do texto como objeto, podendo "entrar" nele, em que literalmente mergulhamos em um complexo espaço textual composto por efeitos sonoros e visuais. Esse poder do leitor sobre o texto é um aspecto particularmente interessante, pois pode até ser analisado sob a ótica dos modos de ficcionalização literária gerados, desta vez, pela configuração do programa.

Referimo-nos à possibilidade de que o grau e os modos de intervenção do leitor já estejam previstos pelo mesmo, a fim de registrar os movimentos dos usuários, os itinerários mais utilizados ou o número de tentativas realizadas durante o processo de leitura. Isso supõe, então, que essa "infinidade" de opções, textos ou modos, é absolutamente fingida, porque, na realidade, esconde atrás de si um número alto, mas finito, de possibilidades e resultados textuais.

Para complicar ainda mais a sessão de edição, outras obras se misturam e brincam não só com a incerteza do leitor sobre os eventos ou eventos narrados, mas também com incidentes reais ligados ao mesmo computador, por meio de softwares que ameaçam desfragmentar o disco se os desafios não forem resolvidos em tempo determinado. Da mesma forma, é coerente – seguindo na esteira do conceito de polifonia bakhtiniana – falar de poliacroasis – termo retórico – como base dos textos literários digitais, entendendo por tal a interpretação plural deles, uma vez que os leitores geralmente pertencem a diferentes espaços culturais, com hábitos de leitura e intertextos divergentes.

Pode-se dizer, portanto, que, em termos de letramento, a literatura digital gera, por sua própria idiossincrasia, uma mudança de parâmetros que impõem uma leitura como prática experimental, dispersa, fragmentada e não linear como criativa. Tudo o que afeta o novo modo de entender a obra literária atua no modo de lê-la, nas práticas de leitura e em sua própria concepção como arte. Se entendermos a singularidade da obra digital, nenhum elemento, criativo ou técnico, deve ficar em segundo plano, formando um todo textual – no qual a palavra não precisa prevalecer – coerente em forma e significado.

Atualmente, múltiplos discursos competem pela atenção do usuário e o impedem de se concentrar em uma única tarefa cognitiva, chegando ao extremo de que o cérebro se tornou inquieto, ávido por satisfação imediata e máximo interesse em troca de esforços mínimos, o que tem feito o cérebro reclamar



quando tem que realizar tarefas cognitivas que implicam satisfação a longo prazo, como, por exemplo, a leitura de um romance longo.

De fato, sua abordagem o leva a afirmar mais recentemente que a autoria, por exemplo, da narrativa multimídia, cabe ao leitor. Outro elemento que pode desorientar o leitor é, justamente, a dissolução dos papéis hierárquicos estabelecidos. Em termos de identidade, e como autores e leitores não estão localizados em lugar algum, não há reconhecimento e identificação explícitos. As identidades se cruzam na internet e todas podem ser igualmente válidas ou todas fictícias, estabelecendo um ambiente marcado pela subversão de papéis, o que estende o jogo do anonimato e da ficcionalidade para além da criação e da mensagem, causando uma sensação de veracidade em que autores, leitores e personagens literários podem ser colocados simultaneamente no mesmo plano.

A experiência autoral como estratégia pedagógica, na qual os alunos planejam seus poemas, hipertextos e instalações servem para contextualizar suas leituras, os torna hábeis em análise e possibilita a abordagem crítica da cultura digital. De fato, a percepção enviesada da obra digital, entre o que conta e a interação que ela nos obriga a fazer, pode ser uma dificuldade para o leitor que, às vezes, pode se "distrair", encontrando muita dificuldade para entender o que deve fazer para que a obra digital seja colocada em funcionamento. Esse dinamismo tecnológico, por vezes sofisticado, pode fazer com que o leitor desista da leitura.

Assim, em uma experiência recente, por ocasião de um seminário sobre leitura de obras digitais, foi impressionante como certos leitores "sucumbiram" poucos minutos depois de enfrentar a obra, perderam o interesse pela história contada e se referiram à experiência de leitura como tediosa e "desesperada". Do nosso ponto de vista, isso acontece justamente porque a base digital é dissociada, lendo o texto com teclas convencionais. Do ponto de vista retórico, se antes tínhamos que entender quais recursos linguísticos produziam de acordo com o efeito sobre a obra, agora, a retórica digital nos coloca à frente de outros recursos cujo efeito não é produzido plasticamente ou intelectualmente, mas tecnologicamente.

O jogo literário passa a incluir o jogo técnico, proposto como estratégias de software, como recursos ligados a ele. É preciso, portanto, a consciência do leitor de que, assim como ele entende uma página em branco ou um jogo



tipográfico em uma obra escrita, ele deve entender as estratégias comunicativas digitais e os efeitos que elas pretendem provocar. No entanto, escrever para ler e ler para escrever é uma fórmula aplicável na literatura tradicional, mas muito complicada de integrar no caso da literatura eletrônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A essa forma de ler e entender de forma integral esse tipo de texto é o que chamamos de leitura digital, e é essa forma de operar do leitor ligada a essa forma de conceber o literário que tem impacto, não só na forma de aprender a ler e analisar literatura, mas também nas competências e habilidades técnicas que temos que desenvolver para isso.

Portanto, a leitura digital é um desafio, pois exige que o leitor desempenhe sua competência leitora diferente da usual, que vai além da concepção tradicional de leitura individual, em silêncio, internalizada, alheia ao exterior, para exigir um esforço pluridiscursivo e dinâmico, além de um domínio múltiplo de códigos e habilidades. As novas formas de expressão apresentam especificidades que têm a ver com o contexto e com a idiosincrasia dos novos paradigmas de comunicação, criação e leitura.

Se é verdade que, no campo da literatura digital, muitos autores concordam que uma obra que constitui um paradigma referencial destacado (o equivalente a uma obra-prima) ainda não foi escrita, a teoria permitiu identificar muitas das características que revelam essa mudança de abordagem e estratégias discursivas, gerando parâmetros de referência para sua análise.

A complexidade na delimitação da literatura digital não reside apenas na identificação de seu escopo, uma vez que, uma vez focalizados em textos puramente eletrônicos, ou seja, textos com intenção literária e resultantes da simbiose de diferentes textualidades estruturadas sob um software, pudemos observar como cada um dos elementos do fato literário no plano criativo, textuais e receptivos contemplam características singulares.

Sem dúvida, um dos aspectos mais marcantes é a subversão dos papéis usuais entre os agentes envolvidos na comunicação literária, mas também, como estratégias discursivas intencionalmente destinadas a provocar diversos efeitos,



emoções ou sensações ao receptor são modificadas justamente em torno dessa supremacia do leitor.

Nesse sentido, é importante ressaltar a necessidade de criar uma nova linguagem crítica capaz de explicar a literatura digital não a partir de pressupostos tradicionais, mas dentro de sua própria natureza e idiossincrasia. Acreditamos ser necessário, portanto, a partir desse ponto de partida, promover a realização de análises concretas sobre os recursos discursivos, a fim de identificar como essa comunicação literária é produzida e quais os principais modos de estruturação segundo finalidades específicas. Compreender as novas propostas estéticas geradas e ter consciência de como esse processo ocorre é, sem dúvida, a base para a avaliação de sua transcendência como discurso transversal no contexto da cultura digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, A. O poeta do concreto e do eletrônico. Zero Hora, Porto Alegre, 25 mar. 2006. **Caderno de Cultura**, 2006.

CARR, N. **The shallows**. New York: W.W. Norton & Company, 2010.

COLLINS, J. Bring on the books for everybody. **How literary culture became popular culture**. Durham: Duke University Press, 2010.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

JENKINS, H. **Convergence culture**: where old and new media collide. New York: New York University Press, 2006.

JUCÁ, M. **Repórter Pipoca entrevista Marisa Lajolo**. Blog Pipoca Azul, 2015. On-line. Disponível em: <http://goo.gl/UzMM2B>. Acesso em: 1º mai. 2015.

KIRCHOF, E. R. Como ler os textos literários na era da cultura digital?. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 47, p. 203–228, jan. 2016.